

O RACISMO VELADO E SUAS IMPLICAÇÕES NAS PRÁTICAS ESPIRITUAIS DENTRO DAS IGREJAS EVANGÉLICAS BRASILEIRAS.

Danilo Sachs¹
Me. Nilton Torquato²

RESUMO

Este trabalho examina o impacto do racismo velado nas igrejas evangélicas no Brasil, destacando sua influência negativa nas experiências espirituais e sociais de membros de minorias étnicas. Este estudo contextualiza historicamente o racismo no Brasil, explorando como a escravidão e a persistente desigualdade racial moldaram as relações sociais e religiosas. A definição de racismo, as suas manifestações sutis e estruturais nas igrejas e o papel histórico da religião na legitimação destas práticas discriminatórias. O estudo também abordou a necessidade de criar ambientes religiosos mais inclusivos onde a diversidade racial seja valorizada. Identifica-se a urgência da consciência e prática antirracismo por parte dos líderes religiosos, sugerindo estratégias como a educação, a promoção da diversidade e a revisão da teologia para combater o racismo. As considerações finais destacam a profundidade do racismo oculto nas igrejas evangélicas e a necessidade de ações concretas para transformar essas comunidades em espaços de igualdade e justiça, refletindo o verdadeiro significado do amor e da integração ensinados por Jesus Cristo.

Palavras-chave: Racismo Velado; Racismo Estrutural; Diversidade Étnica; Justiça Social; Conscientização Antirracista.

ABSTRACT

This study examines the impact of covert racism in Protestant churches in Brazil, highlighting its negative influence on the spiritual and social experiences of ethnic minority members. It provides a historical context of racism in Brazil, exploring how slavery and persistent racial inequality have shaped social and religious relationships. The research defines racism and its subtle and structural manifestations within churches, as well as the historical role of religion in legitimizing these discriminatory practices. The study also addresses the need for creating more inclusive religious environments where racial diversity is valued. It underscores the urgency for religious leaders to adopt anti-racist awareness and practices, suggesting strategies such as education, diversity promotion, and theological revision to combat racism. The final considerations emphasize the depth of hidden racism in Protestant churches and the necessity for concrete actions to transform these communities into spaces of equality and justice, reflecting the true meaning of love and integration taught by Jesus Christ.

Keywords: Covert Racism, Structural Racism, Ethnic Diversity, Social Justice, Anti-Racist Awareness.

¹Bacharel em Teologia na Faculdade Teológica Betânia – FATEBE. Contato: danilosachs13@hotmail.com

² Mestre em Educação e Novas Tecnologias; Bacharel em Teologia pela FABAPAR; Licenciado em História pela UFPR; Licenciado em Pedagogia pela UNINTER. Contato: profnilontorquato@gmail.com

INTRODUÇÃO

Entende-se de extrema importância a pesquisa sobre o impacto do racismo velado que tem exercido uma significativa influência negativa nas experiências individuais e coletivas dentro das igrejas evangélicas no Brasil.

Por isso, diante dessa crescente necessidade em compreender as questões de discriminação dentro de contextos religiosos, é preciso abordar assuntos que buscam contribuir para a conscientização da presença do racismo velado e destacar a importância em promover ambientes inclusivos que respeitem a diversidade, fortalecendo assim a coesão social e a vivência espiritual dos membros.

Esta pesquisa também oferecerá uma reflexão para a construção de ambientes religiosos mais inclusivos, nos quais a diversidade racial é valorizada e as práticas espirituais cristãs são acessíveis a todos, independentemente de sua origem étnica.

O racismo dentro das comunidades religiosas contribui para a exclusão de membros de grupos étnicos minoritários e afeta a dinâmica das relações interculturais dentro das comunidades religiosas. Isto levanta as seguintes questões: Como as igrejas e líderes religiosos brasileiros podem promover a consciência positiva e as práticas antirracistas nas comunidades cristãs? Como essa reflexão histórica influencia as práticas espirituais da igreja protestante brasileira hoje?

Portanto, este artigo deve considerar o racismo velado e o seu impacto na prática espiritual cristã. Definir o termo racismo e discutir o contexto histórico do Brasil e sua possível contribuição para o racismo disfarçado na igreja protestante brasileira.

É também necessário trazer definições teológicas que buscam a justiça social e a igualdade étnica usando assim literatura disponível na biblioteca da Fatebe para a compreensão teórica, livros e artigos científicos que falem sobre o tema, e também o auxílio de sites e plataformas tecnológicas que auxiliem no processo desse trabalho.

Dada a existência do racismo velado nas comunidades cristãs, é possível que a conscientização e abordagem ativa de dinâmicas discriminatórias pelas lideranças religiosas no Brasil possam contribuir para uma transformação positiva nas práticas espirituais, fortalecendo e promovendo a diversidade e diminuindo impactos negativos do preconceito racial dentro das igrejas evangélicas.

1 UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE O RACISMO VELADO E SEU CONTEXTO HISTÓRICO NO BRASIL

O racismo é um problema que afeta sociedades em todo o mundo, e o Brasil não é exceção. Uma compreensão mais profunda do conceito de racismo requer pesquisas que reúnam conceitos, perspectivas e análises para revelar a complexidade deste aspecto social. O termo “racismo” vai além de uma simples definição para incluir não apenas as manifestações abertas de discriminação, mas também as dinâmicas mais subtis e estruturais que permeiam a sociedade, como no caso do racismo encoberto.

O racismo trata da discriminação e preconceito baseados em diferenças raciais, muitas vezes resultando em injustiças sistemáticas e desigualdades em vários setores da sociedade. Para Silva: “O racismo é uma ideologia que, tomando por base uma compreensão biológica e hierárquica das raças, permite a manifestação de tratamentos diferenciados, e por conseguintes, de conflitos.” (SILVA JR. 2002 apud OLIVEIRA, 2004, p. 26)

Outra definição de racismo é citada por John Piper em seu livro *Racismo, a Cruz e o Cristianismo*, no qual o autor utiliza a definição da Igreja Presbiteriana nos Estados Unidos da seguinte forma: “O racismo é uma crença ou disposição explícita ou implícita na prática que distingue ou valoriza uma raça em detrimento de outra”. (PIPER, 2012, p.18)

Tanto Almeida quanto a revista *Ultimato* (março/abril) de 2004 indicam que, durante milhares de anos a humanidade viveu a escravidão, um modo de produção distorcido na organização de sua economia. Nos tempos modernos, este problema foi resolvido através da utilização generalizada e sistemática do trabalho dos povos indígenas oprimidos, e das populações negras expulsas à força e violentamente das terras, povos e culturas africanas. O Brasil foi um dos primeiros países a introduzir e um dos últimos a abolir esse sistema injusto, que tratava os escravos não como seres humanos, mas como propriedade de seus senhores. A exploração, a violência física e sexual e a opressão fizeram da escravatura uma faceta longa e trágica da humanidade caída, uma evidência flagrante e inegável do pecado individual, social e estrutural.

No artigo *Abolição no Brasil: A Construção da liberdade*, Menezes (2009, p.100) diz que descendentes dos escravos continuaram vivendo de forma semelhante àquela em que viviam sob a escravatura, dado à indigência a que foram lançados. A abolição

da escravatura não criou as condições para que os antigos escravos pudessem alcançar a igualdade, a cidadania plena.

Sendo assim, dada à complexidade da questão do racismo no Brasil, é fundamental compreender as diferentes camadas que permeiam esse debate. Para muitos brasileiros, a perspectiva de democracia racial é mais do que apenas um conceito; é motivo de orgulho nacional, uma marca que nos ajuda a nos destacar no cenário mundial.

Guimarães destaca a ausência de segregação oficial e de conflito racial desde a abolição da escravatura em 1888, o que acrescentou uma camada de complexidade a esta história. Nota-se uma dimensão intrigante desse cenário que é aquela que revela não apenas a presença, mas a sutileza do racismo que permeia as estruturas e relações sociais no Brasil atualmente. A herança da escravidão que durou séculos, moldou algumas relações raciais em nosso país, deixando marcas profundas nas estruturas sociais, econômicas e culturais, o que torna esse tema um tabu no Brasil como afirma o autor:

Qualquer estudo sobre o racismo no Brasil deve começar por notar que o racismo no Brasil é um tabu. De fato, os brasileiros se imaginam numa democracia racial. Essa é uma fonte de orgulho nacional, e serve, no nosso confronto/comparação com outras nações, como prova incontestada de nosso status de povo civilizado. Essa pretensão a um antirracismo institucional tem raízes profundas tanto na nossa história, quanto na nossa literatura. Desde a abolição da escravatura em 1888, não experimentamos nem segregação, ao menos no plano formal, nem conflitos raciais. (GUIMARÃES, 1995, p.26)

Na obra *Branços e Negros em São Paulo*, Roger Bastide e Florestan Fernandes (2008, p.164) apontaram que nós, brasileiros, dizia-nos um branco, “temos o preconceito de não ter preconceito. E esse simples fato basta para mostrar a que ponto está arraigado no nosso meio social”. Muitas respostas negativas explicam-se por esse preconceito de ausência de preconceito, por essa fidelidade do Brasil ao seu ideal de democracia racial. (RIBEIRO, 2012, p.10)

Este padrão de discriminação foi dirigido principalmente contra os povos indígenas, que foram sujeitos a invasões, tentativas de escravização e, em última análise, extermínio pelos colonizadores portugueses. Contudo, o registro histórico da escravidão revela as raízes profundas do racismo no Brasil.

A discriminação racial foi introduzida no Brasil desde a ocupação do território brasileiro. Os primeiros a sofrer foram os povos indígenas, cujos territórios

foram invadidos, houve tentativa de escravização pelos portugueses e acabaram exterminados. Mas os negros reflectiram muito latentemente este comportamento social e ainda o reflectem muito latentemente. Porque assim é o Brasil, um país de proprietários de escravos há quase 400 anos, um lugar onde os negros eram tratados não como seres humanos, mas como perfeitos burros de carga. (ARAUJO; SANTOS; 2017, p. 3)

Ao abordar o contexto oculto do racismo no Brasil, percebemos a importância de examinar a nossa situação atual e as diferentes raças que existem em solo brasileiro. Apesar da visão de convivência em que se propõe a paz, as palavras dos autores citados acima nos fazem questionar esta aparente harmonia. Em um país marcado pela diversidade étnica, as estatísticas demográficas ainda fornecem dados imprecisos, o que ilustra a dificuldade de um mapeamento preciso confirmar as realidades raciais no Brasil.

A discriminação, dirigida principalmente aos negros, tornou-se evidente na prática, contrariando a ideia de convivência harmoniosa. Igualmente importante é a observação de Santos sobre a pressão social que faz com que muitas pessoas neguem a sua identidade racial, escolhendo autodefinições como “pardo” ou mesmo “branco”. Em relação à diversidade étnica podemos perceber que:

Atualmente há grande diversidade de raças no Brasil. Aparentemente é dito que há uma convivência pacífica entre as raças. Todavia, na prática, é notória a discriminação, principalmente em relação aos negros. À bem da verdade, as estatísticas demográficas ainda fornecem dados imprecisos sobre as diversas etnias no Brasil. Por conta das pressões sociais muitas pessoas da raça negra, negam sua identidade e se definem como “pardos” e até como “brancos”. (SANTOS, 2012, p.11)

Entendendo a realidade da diversidade racial no Brasil e como essa discriminação ainda existe, é necessário entender sobre como essas reflexões históricas podem influenciar as práticas espirituais nas igrejas evangélicas. A negação da identidade negra tem raízes profundas na história do país e esse legado reflete-se na dinâmica religiosa atual.

2 O REFLEXO HISTÓRICO E O IMPACTO NAS PRÁTICAS ESPIRITUAIS DENTRO DAS IGREJAS EVANGÉLICAS BRASILEIRAS

Após um panorama geral sobre o termo racismo e seu reflexo histórico para os dias atuais, entende-se que existe um legado de exclusão que se manifesta de várias

maneiras e isso é visto através das estatísticas que revelam desigualdades significativas entre diferentes grupos étnicos no país.

Indicadores socioeconômicos, acesso à educação, oportunidades de emprego e até mesmo a violência evidenciam a continuidade das desigualdades raciais. A população negra, em particular, continua a enfrentar obstáculos estruturais que dificultam até mesmo as suas experiências religiosas no Brasil. A fé, que muitas vezes é considerada um refúgio da discriminação e do preconceito racial, pode estar sendo um espaço onde se manifestam dinâmicas sutis de exclusão.

Na visão de Martins (2008, p. 115) o modelo religioso das igrejas evangélicas que aqui chegaram, “na segunda metade do século XIX, constituiu-se uma alternativa à hegemonia católica romana nos campos da religião e da educação”. No entanto, não diferente da igreja católica, dispensavam tratamento diferenciados para com os seus fiéis, pois, o tratamento dispensado a elite (aos brancos) era diferenciado ao dispensado aos negros (livre ou escravizado).

Enquanto que para a elite eram fundadas escolas pensando no desenvolvimento social, intelectual, econômico e profissional desta, para os fiéis negros a única coisa que lhe eram dadas era a palavra de Deus.

Segundo Alcântara (2008, p.103) a história da Igreja Evangélica Brasileira sempre foi favorável aos brancos, e tudo o que acontecia com índios e negros era desvantajoso. A Igreja Protestante chegou ao solo brasileiro em completa escravidão, permanecendo silenciosa e cúmplice das atrocidades, diante desse cenário complexo, percebe-se que no Brasil vivemos um racismo que é estrutural.

No artigo, As igrejas e o racismo-repensando a responsabilidade dos líderes religiosos, Dupem (2021, p. 228) aponta que o racismo estrutural está alicerçado historicamente nos acontecimentos largamente conhecidos relativos à escravização de indivíduos, capturados no continente africano e trazidos em condições desumanas até países dos continentes americano e europeu; estes indivíduos foram escravizados por outros seres humanos, munidos de condições financeiras confortáveis e o poder.

Este processo de exploração de mão de obra praticamente gratuita em troca de alimento e água e de objetificação de pessoas (realizando sua compra e venda) aconteceu em função da lucratividade econômica e conotação de poderio; ademais, havia uma ideia de superioridade racial, de um determinado povo sobre outro, com uma percepção que, inclusive, animalizava as pessoas negras, associando-as a uma imagem primitiva. (PESTANA, 2021, p.228)

Para o autor Silvio Almeida, o racismo estrutural é resultado da própria estrutura social: a forma normal como se constroem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até mesmo familiares, e não uma patologia social ou colapso institucional. O racismo é estrutural. Os comportamentos individuais e os processos institucionais têm origem numa sociedade onde o racismo é a regra e não a exceção. O racismo faz parte de um processo social que ocorre nos bastidores dos indivíduos e é claramente herdado da tradição. (ALMEIDA, 2019, p.33)

No artigo O que o racismo faz, há um relato sobre uma escrava que ilustra bem essa ideologia racista:

Por sua vez, a assunção de Lindinalva Barbosa (56 anos) em relação ao cabelo crespo ocorre por volta de 1984, e igualmente antecedeu ao momento que considera o big bang na sua trajetória. Ela alega que entendia como uma prisão o mecanismo de alisar o cabelo de forma recorrente através do ferro quente, embora tenha percebido muito cedo que o cabelo é um marcador importante e muito doloroso. Ainda não tinha noção de que não era o ferro que a aprisionava, e sim a ideologia da branquitude que a aprisionava ao ferro. (LESSA, 2020, p.7)

Um exemplo muito claro disso nas igrejas é a discriminação contra instrumentos musicais e ritmos de origem afrodescendente. Essa atitude não apenas desvaloriza a herança cultural africana, mas também reforça a ideologia de embranquecimento, marginalizando elementos culturais negros e contribuindo para a expansão do racismo velado.

Este contexto histórico e o racismo estrutural também podem alimentar a desconfiança nas instituições religiosas e levar muitos negros a procurar espaços espirituais alternativos que melhor atendam às suas necessidades e experiências.

Santos (2012, p. 49-50) ao questionar fiéis assembleianos a respeito do preconceito racial no interior de suas denominações, alguns afirmaram:

Discriminação em relação à questão de cor, não. Mas tem que estar bem arrumado, hoje em dia não repara muito nisso, mas em como está vestido. A maioria das pessoas da igreja são negras. Se você não está bem vestido, mesmo com muito tempo dentro da igreja, você não vai lá na frente nem cantar, principalmente se for homem, se estiver de terno é logo convidado para o púlpito. O que mais tem na Assembleia de Deus é preto. Muitos pastores são pretos! Lá mesmo em Catú³ tinha muitos pastores negros e aqui na nossa igreja tem um presbítero negro, ele não é bonito não, mas é muito educado. Ele é muito fino, todo mundo gosta dele, mas ele é negro.

³ Município na Bahia

Este racismo nas igrejas evangélicas é uma questão sobre a qual o cristianismo e a escravatura têm estado historicamente em desacordo. Embora os abolicionistas cristãos tenham sido a principal força na abolição da escravatura, os proprietários de escravos cristãos usaram passagens bíblicas para justificar e manter a escravatura. A Bíblia tem sido usada tanto por pró-escravidão quanto por abolicionistas para apoiar suas respectivas posições. (HERNANI, 2003, p.08)

A discussão sobre o papel da religião na legitimação do racismo velado ganha uma dimensão ainda maior ao considerarmos as práticas de batismo forçado dos negros durante a época da escravidão. Essa mudança/transição revela como a imposição do cristianismo aos escravos não apenas buscava moldar a espiritualidade, mas também servia como um mecanismo de controle social. A citação de Hernani Francisco expõe com clareza as distorcidas análises religiosas que fundamentavam a inferiorização dos negros no contexto da escravidão.

Além disso, os cristãos eram instruídos a batizar os negros, a fim de torná-los cristãos. Era dever dos senhores que seus escravos se tornassem e permanecessem cristãos. “O negro foi criado para servir nas fileiras da escravidão. Esse tipo de vida foi aprovado pela Bíblia”, argumentavam os eclesiásticos do Sul. Então, os pastores e educadores do Sul acreditavam na inferioridade do negro: “Ele não tem a capacidade ou talento possível do homem branco. Ele não era capaz de pensar por meio de qualquer problema complexo, ou de serem treinados para executar tarefas difíceis. Não foi por acaso que o negro estava nessa condição – ele era assim por natureza, pela criação. Ele era uma criatura inferior feito para servir seus superiores”. Qualquer tentativa de desacreditar esses pensamentos estava fora da revelação bíblica e da ciência, (HERNANI, 2003, p. 08).

Em geral, o reflexo histórico da falta de representatividade e do racismo estrutural em nosso país continua a moldar as práticas espirituais em nossos dias destacando a importância urgente de abordar questões de justiça e igualdade dentro do contexto religioso brasileiro, pois a compreensão do evangélico a respeito da questão racial no Brasil ainda está muito enraizada aos reflexos históricos de um país racista.

Com base no estudo desse reflexo e de acordo com o artigo: Da intolerância religiosa ao racismo religioso desafios e possibilidades na sala de aula, identifica-se um aumento preocupante nos casos de violência contra religiões de matriz africana no Brasil, refletindo um cenário de intolerância religiosa em constante evolução. (MARINHO, 2021, p.13)

O documento Ofício nº 386/2020-P também denuncia que no ano de 2019, o relatório do Disque 100 sequer traz informações de discriminação religiosa e cita que pediu esclarecimentos a respeito; porém, que esses não haviam sido respondidos até aquela data – 31 de julho de 2020. (BRASIL, 2020)

Ao conhecer as tradições protestantes do nosso país, podemos ver como elas foram influenciadas pelo passado e como influenciam o que está acontecendo na igreja hoje. A história mostra-nos quão flexíveis, fortes e mutáveis somos e como podemos adaptar as nossas práticas espirituais ao mundo de hoje. Ao aprender mais sobre o passado, esta é uma grande oportunidade para a Igreja Protestante no Brasil repensar e atualizar suas práticas religiosas, tornando-se mais inclusiva, e ajudar os líderes de hoje a obterem reconhecimento positivo em suas comunidades.

3 O PAPEL DA IGREJA NA CONSCIENTIZAÇÃO ANTIRRACISTAS DENTRO DO EVANGÉLICO BRASILEIRO

As igrejas no seu conjunto têm uma influência cultural e social significativa e desempenham um papel fundamental e importante na promoção da consciência antirracista entre os fiéis.

A relevância desta investigação é, portanto, evidente na necessidade urgente de criar ambientes inclusivos e equitativos onde todos os participantes da comunidade de fé, independentemente da cor da pele, possam sentir-se bem-vindos e respeitados.

Os cristãos, em vez de apenas confessarem, precisam pedir perdão aos povos negros e indígenas pela falta de resistência contra a discriminação e por não terem lutado pela libertação dos poderes opressores ao longo da história. Essa chamada à responsabilidade histórica lança um desafio direto à consciência coletiva, sugerindo que o perdão genuíno requer um enfrentamento corajoso do passado e uma transformação ativa no presente. Corroborando com o pensamento, Santos, nos informa que:

Muitos protestantes, a exemplo dos católicos, também estiveram a favor da escravidão. Morávos, metodistas, anglicanos, batistas, presbiterianos, quakers da Europa, eram donos de escravos. No Brasil, muitos missionários procedentes do Sul dos Estados Unidos, depois da Guerra Civil, mantinham escravos em suas casas para os serviços domésticos. Mais do que confessar, os cristãos precisam pedir perdão aos povos negros e indígenas por não terem lutado contra a discriminação das raças e por sua libertação dos poderes opressores em toda a história humana! (SANTOS, 2012, p. 22).

O autor Hernani Francisco da Silva (2003, p.8) enfatiza como a Terra Prometida no livro de Josué foi utilizada para justificar alguns conflitos contra os povos indígenas do Novo Mundo, rotulados como os "cananeus" da época. Percebe-se também que ele destaca como os puritanos que chegaram ao Novo Mundo se viam como eleitos de Deus, destinados a estabelecer um Novo Israel. Essa interpretação bíblica, como aponta o autor, não apenas estimulou uma atitude de superioridade moral e econômica dos cristãos brancos sobre outras culturas, mas também ajudou a formar uma justificativa moral para a exploração racial.

Essa análise crítica das raízes teológicas do racismo enfatiza a urgência de uma maior reflexão sobre o impacto das interpretações religiosas na construção das hierarquias raciais.

Portanto, considerando as interpretações errôneas da Bíblia que têm sido utilizadas para justificar a escravidão e a colonização, é muito importante que a igreja evangélica no Brasil participe ativamente da luta contra o racismo, e é muito urgente. Esses equívocos ajudam a perpetuar a ideia de que os cristãos brancos são superiores a outras culturas.

Para mudar este cenário, a igreja deve tornar-se mais pró-ativa, educando as pessoas sobre o verdadeiro significado do amor e da igualdade bíblicos e lutando contra todas as formas de racismo. Para criar mudanças, é importante refletir sobre o papel da Igreja na promoção da justiça racial.

É, portanto, necessária investigação para promover uma cultura antirracista na Igreja e assim contribuir para a formação de uma Igreja mais igualitária e justa.

Paula Silva (2021, p.12) discute no artigo A Importância de Abordar a Igualdade Racial na Igreja Cristã como Jesus Cristo, o Filho de Deus, veio ao mundo para ensinar a todas as pessoas sobre amor, respeito e igualdade, mostrando que todos somos iguais perante os olhos de Deus.

No livro Racismo, a Cruz e o Cristianismo, Piper (2012, p.227) afirma que quando sentimos, pensamos ou agimos em relação a alguém com desdém, desrespeito, quando evitamos, excluimos, agimos com malícia em relação a alguém por essa pessoa ser de outra raça ou outro grupo étnico, estamos de fato, dizendo que Jesus agiu de maneira tola em relação a nós. E ninguém quer dizer isso.

Jesus veio para todos os seres humanos, independente de classe social ou etnia. A Bíblia nos ensina por meio das palavras do apóstolo Paulo: "Assim sendo, não pode haver judeu nem grego; nem escravo, nem liberto; nem homem, nem

mulher, porque todos vocês são um em Cristo Jesus”. Gálatas 3.28. (BÍBLIA ARA, 2014)

Portanto, promover a consciência antirracista nas igrejas evangélicas brasileiras é uma tarefa necessária para criar um ambiente religioso mais justo, inclusivo e amoroso, para atingir esse objetivo as igrejas podem empregar uma variedade de estratégias.

Primeiro, é importante proporcionar educação através de palestras, seminários e estudos bíblicos que abordem questões de racismo e justiça social. Além disso, é importante promover ativamente a diversidade étnica em todas as áreas da Igreja, incluindo liderança, música, educação e ministério, e combater a retórica e as práticas racistas dentro e fora das igrejas.

A Igreja deve examinar e desafiar a forma como o racismo se manifesta nas suas próprias estruturas e teologia, e apoiar abordagens teológicas que promovam a igualdade e a justiça para todos. Ao aplicar estas práticas de forma integrada, a igreja pode desempenhar um papel vital no combate ao racismo e na construção de um país mais inclusivo e igualitário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo assim, o estudo realizado aponta para a profundidade e a complexidade do impacto do racismo disfarçado e, também, do racismo estrutural em muitas igrejas evangélicas no Brasil, e destaca a absoluta urgência da conscientização para esse assunto.

De fato, o racismo normalmente, encoberto, continua a prejudicar muito negativamente tanto as experiências espirituais quanto as sociais das minorias étnicas entre os membros dessas comunidades religiosas.

Vimos que no contexto histórico do Brasil, com todos os seus aspectos de escravidão e argumentos sobre a persistência da desigualdade racial, ainda hoje esse reflexo desempenha um papel primordial na formação da dinâmica social e religiosa. Do racismo nas igrejas evangélicas ao legado do passado que se manifesta hoje com sua atitude e prática de exclusão, todas essas definições relacionam-se com a necessidade de constituir a teologia social e a igualdade racial.

Do nosso ponto de vista, é crucial construir uma Igreja justa e igualitária. As igrejas evangélicas brasileiras deveriam começar pelo reconhecimento de sua

responsabilidade histórica e o papel devido na promoção da igualdade racial. Tal transformação será possível apenas pela reforma das estruturas religiosas e sociais que se tornam realidade ao educar setores e valorizar a diversidade étnica, bem como quando quaisquer práticas discriminatórias forem erradicadas.

A luta contra o racismo velado exige um compromisso contínuo e coletivo por parte das igrejas, dos líderes religiosos e das pessoas de fé. A criação de espaços de diálogo, reflexão e ação concreta podem contribuir significativamente para eliminar preconceitos raciais e construir uma sociedade mais justa.

É reconhecendo os fracassos do passado e comprometendo-se com a transformação do presente que as igrejas evangélicas podem cumprir o seu papel na promoção da justiça social e na valorização da diversidade humana.

A transformação das práticas espirituais nas igrejas evangélicas brasileiras não é apenas uma questão de justiça social, mas também uma expressão autêntica dos valores cristãos de amor, igualdade e respeito. Ao promover uma consciência antirracismo e ao fazer mudanças estruturais, as igrejas podem desempenhar um papel vital na construção de uma sociedade onde todas as pessoas sejam verdadeiramente iguais perante Deus e os outros.

O artigo não tem por pretensão encerrar o assunto, todavia fomentar e provocar a discussão da temática. O mesmo foi contagiante em nossa pesquisa e pretendemos dar sequência e aprofundamento em futuros novos artigos, mestrado e doutorado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, S. L. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Pólen Livros, 2019.

ARAÚJO, M. **A Pele Cristã: Um Estudo sobre Racismo e Discriminação**. Revista EDUC-Faculdade de Duque de Caxias, 2017.

ARAÚJO, J. A, & SANTOS, D. L. J. **O Silêncio das Igrejas Cristãs Protestantes Brasileiras em Relação às Questões dos Negros no País**.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Edição Revista e Atualizada. SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1995.

CAVALCANTI, R. **Livrai-nos do (Capitalismo) Mal – Os Valores do Reino Versus os Modos Iníquos de Produção**. Revista Ultimato, Março-Abril, 2004.

GUIMARAES, A.S.A. **Racismo e Anti-Racismo**. Novos Estudos CEBRAP, 1995.

HENRIQUES, R. **Desigualdade Racial no Brasil: Evolução das Condições de Vida na Década de 90**. 2001.

HERNANI, F.S. **O Movimento Negro Evangélico. Um mover do Espírito Santo**. São Paulo, Negritude Cristã, 2011.

LESSA, F.L. **O que o Racismo Fez Com Você?**. Revista Humanidades e Inovação v.7, n25 – 2020.

MONTEIRO, J. P. V. **O Estigma da Cor**. Editora Thomas Nelson Brasil, 2021.

PAULA, S. **A Importância de Trabalhar a Igualdade Racial nas Igrejas Protestantes**. 2021.

PESTANA, D. F. **“As Igrejas e o Racismo: Repensando a Responsabilidade dos Líderes Religiosos.”** Caderno Intersaberes, 2021.

PIPER, J. **O Racismo a Cruz e o Cristão**. Editora Vida Nova, 2012.

RIBEIRO, D. **Pequeno Manual Antirracista**. Editora: Companhia das Letras, 2019.

ROBERT BASTIDE & FLORESTAN FERNANDES. **Branços e Negros em São Paulo**. Editora Nacional, 1959.

SANTOS, H. **Discriminação Racial no Brasil**, 2018.

SANTOS, Y. L. **Racismo Brasileiro**. Editora Todavia, 2022.

SILVA, D. V. S. **O Racismo no Brasil é Velado: O Discurso da Miscigenação e a Ocultação do Óbvio**. Editora: Cidade, 2021.

SILVEIRA, N. S. **Racismo no Brasil: Tentativas de Disfarce de uma Violência Explícita**. Faculdade Taboão da Serra – SP, 2006.

